



POSICIONAMENTO POLÍTICO-REGIONAL NA #ELENÃO: UMA ANÁLISE DE MEMES SOBRE O NORDESTE NO *TWITTER*

Amanda da Silva Duarte¹
Elaine de Moraes Santos²
Matheus Santos de Araujo³

Resumo: Sob o escopo teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa, mais afinada ao pensamento de Michel Foucault, este trabalho objetiva problematizar a circulação de *memes* sobre o Nordeste na plataforma do *Twitter*. A escolha de tal território se justifica porque, com a finalização do segundo turno das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, apenas essa região havia direcionado mais votos ao candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). Com a vitória do ultradireitista Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), entretanto, a população nordestina foi discursivizada como intelectualmente incapaz de escolher um representante, sobretudo pelo interesse em retirar o PT após 12 anos no governo. Nessa visada, a problemática territorial, aliada ao discurso imagético do humor, inquietou-nos na medida em que materializou, na mídia *online*, as diversas técnicas de poder em confronto na sociedade contemporânea. Dentre os efeitos de poder mobilizados pelas publicações analisadas, apontamos, como resultados, as identidades regionais enquanto local de enfrentamento entre múltiplas correlações de força (FOUCAULT, 2018a), tanto quanto situamos o *meme* como um potencial dispositivo de resistência (FOUCAULT, 2018b).

Palavras-chave: Nordeste. Discurso midiático. Eleições de 2018. Memes.

POLITICAL-REGIONAL STANDING IN # ELENÃO: AN ANALYSIS OF MEMES ABOUT THE NORTHEAST IN TWITTER

Abstract: *Following the theoretical-methodological scope of French Line Discourse Analysis, more in tune with Michel Foucault's thoughts, this work aims to problematize the circulation of memes about the Northeast on Twitter platform. The decision of such territory is justified because, with the results of the second round for the 2018 presidential elections in Brazil, only that region had directed more votes to candidate Fernando Haddad, from the Workers' Party (PT). However, with the victory of the ultra-rightist Jair Messias Bolsonaro, of the Social Liberal Party (PSL), the Northeastern population was pronounced as intellectually incapable of choosing a representative, especially because of the interest in removing the PT*

¹ Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol da UFMS e voluntária de Iniciação Científica (PIVIC/UFMS). ORCID: 000-0003-4324-2192. E-mail: amandasduarte0@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, docente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS e líder do Grupo de Pesquisas SuDiC/CNPq - Corpo, Surdez e Discursividades (político)midiáticas. ORCID: 0000-0001-8970-1564. E-mail: proflainemoraes2@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de Letras Português e Espanhol da UFMS e voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/UFMS). ORCID: 0000-0002-2693-1175. E-mail: matheus.daraujo0@gmail.com.

power after 12 years in the government. In this regard, the territorial issue, linked with the imaginary discourse of humor, disquiets us insofar as that it materialized, in online media, the several techniques of power in a confrontation in contemporary society. Among the effects of power mobilized by the analyzed publications, we point out, as a result, regional identities as a place of confrontation between multiple correlations of strength (FOUCAULT, 2018a), as much as we situate the meme as a potential resistance device (FOUCAULT, 2018b).

Keywords: Northeast. Media discourse. 2018 elections. Memes.

Introdução

A temática regional incita constantes discussões, sobretudo quando se marca nos corpos dos sujeitos. Albuquerque Júnior (2012) associa o território à cultura, na medida em que as divisões espaciais são representativas dos domínios exercidos por humanos em alguma parcela de terra. No Brasil, os embates derivados dessa problemática se apresentam na luta indígena pela manutenção de suas reservas, nas reivindicações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nos limites entre o centro e as favelas, nos empreendimentos agrários, em postagens na internet, dentre outras organizações sociais.

Cientes de tal historicidade, sob o escopo da Análise do Discurso de orientação francesa (AD), mais afinada ao pensamento de Michel Foucault, objetivamos problematizar a circulação de *memes* sobre o Nordeste na plataforma do *Twitter*. Para tanto, situamos o campo epistemológico ao qual nos filiamos teórico-metodologicamente e(m) sua relação com a circulação de ditos acerca do território nordestino, além de abordar o meme como instrumento de discursos político-midiáticos, para, posteriormente, analisarmos a publicação recortada como *corpus*.

1. Território nordestino e(m) discurso político-midiático

Na perspectiva discursiva, analisamos o linguístico a partir de sua junção com o sujeito e a história. Para Foucault (2010, p. 28), “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos [...] é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. O filósofo francês divide a organização do discurso em dois blocos: o primeiro diz respeito à impossibilidade da realização de um acontecimento verdadeiro, afinal, as discursividades são calcadas em uma origem tão secreta que todas as suas insurgências na história seriam tratadas como um reinício ou uma ocultação; e o segundo corresponde ao *jamais-dito*, produto de um discurso aparentemente sem corpo.

Sob o efeito de originalidade e o apagamento dos *já-ditos*, o conceito de região funciona, conforme Albuquerque Júnior (2008, p. 56), como um “objeto fixo, já dado, um objeto evidente, não-problemático: um objeto constituído por uma realidade inquestionável”. Descaracterizando as heterogeneidades possíveis a determinado território, as estigmatizações atuam de forma a compactar em um agrupamento de características preestabelecidas às diversas formas de ser e existir dos habitantes.

O Nordeste, especificamente, segundo Albuquerque Júnior (2012), foi criado pela narrativa da seca. Suas terras, antes integrantes do Norte do Brasil, transformaram-se no foco das ações da Inspeção Federal de Obras contra a Seca (IFOS), iniciadas em 1919. A partir desse período, os discursos sobre a recém-formada região passaram a designá-la como um lugar miserável, além de adjetivarem os seus habitantes como sobreviventes e retrógrados.

Pelo funcionamento do *domínio da memória* proposto por Foucault (2010, 64, acréscimo nosso), isto é, dos enunciados “[n]os quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica”, compreendemos que, ao ser vinculado à pobreza e à degradação ambiental, logo em seu período de criação, o território nordestino passou a ser inferiorizado em relação às demais localidades do país.

Regido pela vontade de poder, o acontecimento político das eleições de 2018 resgatou uma série de *ditos e escritos* relacionados à identidade territorial. Consonante ao que propõem Duarte e Santos (2019), no período em questão, as técnicas de poder voltadas ao povo nordestino eram centradas em aspectos econômicos, sociais, naturais e de rebaixamento de sua capacidade intelectual.

Especialmente no segundo turno do pleito presidencial, o efeito de *liberdade de expressão* (KOMESU, 2010), propiciado pelas redes sociais, possibilitou a desestabilização de discursos que caracterizavam sujeitos de acordo com o lugar onde moravam. Conforme divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), das cinco regiões do país, apenas no Nordeste Fernando Haddad (PT) sobrepujou Jair Bolsonaro (PSL) em número de votos. No interior da disputa entre, pelo menos, duas Formações Discursivas opostas – uma contra Bolsonaro, representada midiaticamente com a #elenão, e outra a favor, com a #elesim, a população desse território foi discursivizada como incapaz de escolher um representante por desviar politicamente do resultado obtido a partir da apuração dos votos válidos no país.

De acordo com Foucault (2018b), a sociedade acolhe enunciados para fazê-los funcionar como verdadeiros. Embora tenha o foco, aparentemente, em determinadas pessoas e instituições, o poder não é algo localizável, pois perpassa todos os corpos, em aspecto mais ou menos visível. No âmbito das relações em constante embate, sob o efeito de posse, vemos as mídias tradicionais – jornais, revistas, canais de divulgação oficial do governo/candidato – enquanto potenciais meios para a propagação de discursos hegemônicos como os que destacamos nas *condições de possibilidade* (FOUCAULT, 1971) de nosso objeto.

Como ponderado por Silveira (2015, p. 99-100), quando os sujeitos adentram as redes sociais, podem passar a materializar *sentidos ordinários*, propiciados por “um distanciamento dessa posição de simples receptor dada ao registro do ordinário, resignificando, por sua vez, o discurso político-midiático tradicional”, forjando novos espaços de enunciação.

É necessário destacar que, para Foucault (2018b, p. 45), o poder é “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”, deslizando da concepção essencialmente repressiva. Segundo o filósofo francês, se apenas produzisse negativas ou restrições, o poder não seria obedecido. Seu efeito, então, reside em uma série de induções ao prazer, ao saber, à produção de discursos e outras técnicas que fazem a manutenção de seu funcionamento.

Um desses espaços de enunciação, fundado em 2006, é o Twitter – ambiente virtual que possibilita distintas formas de engajamento em assuntos variados. Dentre as ferramentas pertencentes à plataforma estão o curtir, o compartilhar, o (re)tuitar, o (deixar de) seguir, as respostas, as menções, as buscas, o bloquear, o silenciar e as mensagens diretas. Ainda, o espaço exhibe os conteúdos do momento a nível local e/ou mundial e as *hashtags* em destaque.

Para além das publicações verbais, o discurso imagético também se faz presente na rede social. Sendo uma técnica que foge da repressão, o *meme* é caracterizado por Gregolin (2015) como um processo de edição e transformação de imagens na *web*. Pela etimologia da palavra, a autora resgata a capacidade de constante replicação desse gênero discursivo, o qual sempre se reatualiza no *online*.

Assim, a nosso ver, a produção de postagens em defesa e/ou em um movimento de (des)legitimação política de um sujeito corresponde a “pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem

unidades e suscitam reagrupamentos” (FOUCAULT, 2018a, p. 104). Cientes do processo descrito, acreditamos que as manifestações dos internautas passaram a circular como marcadoras da heterogeneidade dos posicionamentos, fornecendo a alguns eleitores outros mecanismos de enfrentamento.

2. Metodologia

Metodologicamente, nosso trabalho é filiado à arqueogenealogia foucaultiana, a qual consiste na junção de dois eixos sobre os quais podemos olhar para o discurso. Temos, por um lado, a arqueologia enquanto um dispositivo analítico das discursividades locais (FOUCAULT, 2018b) e, em outro, a genealogia como “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito” (FOUCAULT, 2018b, p. 43). No encaixe das duas técnicas é que observamos tanto a atualidade do discurso, quanto sua historicidade.

Para a coleta dos memes, delimitamos as nossas buscas ao domínio das fotos postadas na *hashtag*. Isso porque tratar o *meme* como uma estrutura enunciativa é admitir a existência do *domínio de memória* em sua aparição na rede. Em tal perspectiva, consideramos que, assim como os enunciados verbais, o discurso imagético lança e recupera memórias.

Dadas as *condições de possibilidade* das eleições de 2018 e da mobilização de discursos ligados à territorialização no período, montamos o nosso *arquivo* (FOUCAULT, 2010) a partir dos tuítes da *#elenão* que continham a palavra “Nordeste” na descrição, todos publicados entre os dias 31 de agosto e 28 de outubro de 2018. A primeira data corresponde ao dia no qual as propagandas eleitorais foram permitidas na televisão, e a segunda diz respeito ao encerramento do pleito presidencial, com a realização do segundo turno.

3. Análise

A publicação recortada como *corpus* foi tuitada no dia 29 de setembro de 2018, data anterior ao primeiro turno, e será tratada como uma Sequência Enunciativa (SE). Na época, as pesquisas divulgadas pelas mídias formais indicavam o nome de Jair

Bolsonaro como primeiro lugar nas intenções de votos dos brasileiros⁴. Sob essas condições de possibilidade, o tuíte apresenta:

Figura 1 – Sequência Enunciativa I



Fonte: Arquivo montado pelos autores

Na SE, a imagem apresenta a famosa atriz global, Susana Vieira, sorrindo e sendo levada no meio de uma multidão, reunida em situação de rua. No conteúdo original, ela é carregada no Sambódromo da Marquês de Sapucaí por membros da escola de samba “Grande Rio”, quando chega para o ensaio do grupo. Na legenda da figura, o tuiteiro veicula o seguinte enunciado: “rejeição de Bolsonaro no Nordeste sobe de 56% para 61% #EleNão”.

Na postagem, a alegria de Vieira aliada ao verbo “subir”, conjugado na terceira pessoa do presente no modo indicativo, contribui para a produção de um efeito de humor, principalmente na condição de materialidade memética que assume. Os braços abertos da atriz, com pequena elevação das mãos e em posição de celebração, sinalizam a mistura de conforto e liberdade, materializando uma espécie de comemoração do internauta ao verificar o aumento da rejeição ao candidato Bolsonaro não apenas entre

⁴A exemplo do conteúdo disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/01/pesquisas-ibope-e-datafolha-comparativo-da-evolucao-de-intencao-de-votos-para-presidente.ghtml>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

nordestinos, mas, também, entre brasileiros de outras regiões ou nichos populacionais – o que incluiu o universo das celebridades.

Dentre os vários *memes* que circulam na manutenção do teor festivo do encontro, a escolha do usuário pela imagem de Susana retoma a autoconfiança tradicionalmente empregada pela atriz em suas declarações públicas. A exemplo dessas falas, temos “o que é uma pessoa ruim, ou duas, para 130 milhões de brasileiros que me amam?”⁵. Com o conhecido enunciado, ela se afirma amada por uma quantidade significativa de brasileiros. Associada às *condições de possibilidade* do tuíte, a postura da atriz serve para confirmar a autossuficiência e o posicionamento contrário do Nordeste à candidatura de Bolsonaro ainda que em minoria quantitativa de votos válidos.

Segundo Foucault (2018b, p. 360), “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente”. Propagando *sentidos ordinários* contrários aos disseminados nas pesquisas de intenção de voto, a publicação do movimento descrito pelo filósofo coloca em jogo a questão territorial, engendrada tão estabilizadamente, no espaço das redes sociais.

Além disso, as cores predominantes no discurso imagético do meme são o verde e o vermelho. A primeira, no contexto das eleições de 2018, remetia tanto às das bandeiras do Brasil quanto à ferramenta de campanha acionada pelo ainda candidato do PSL, ao realçar sua ligação com um ideal patriota. A segunda, por sua vez, era associada às bandeiras do comunismo e do PT. Nas manifestações políticas de rua, constantes são as vezes em que os indivíduos adotam uma cor-símbolo a fim de caracterizar suas reivindicações. Indursky (2016) aponta essas aparições, por exemplo, já nas jornadas de 2013, quando os participantes das mobilizações vestiram verde-amarelo para reclamar a diminuição das tarifas do transporte público.

Considerando a disposição dos elementos na imagem, as pessoas que carregam Susana Vieira, por meio de sua vestimenta, podem ser associadas aos opositores do candidato do PSL. Em contrapartida, a atriz, com uma regata verde e em uma posição de destaque na foto, devido aos esforços de quem a carrega, pode sim representar outra face do Brasil: uma parte desligada da militância “vermelha”, mas que também adere à #EleNão. Esse efeito de sentido só é possível pelas declarações do presidencial, sobretudo com o jargão fortalecido antes, durante e depois de sua campanha: “nossa

⁵ Conforme conteúdo disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/19/7-vezes-em-que-susana-vieira-inspirou-e-provou-que-e-rainha-da-autoestima.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

bandeira jamais será vermelha”. Na imagem, os sujeitos nordestinos/os adeptos à #EleNão, não apenas estão de vermelho, como, em conjunto, ajudam a levantar/ salvar Vieira/o Brasil, de verde.

Por outro lado, se a análise das cores do *meme* for realizada separadamente, sem a legenda que apresenta a “#EleNão”, os sentidos deslizam para mais um significado possível. Sobre os preconceitos regionais, Albuquerque Júnior (2012, p. 128) afirma que “o nordestino vai ser estigmatizado lembrando-se da sua condição de flagelado, de retirante, que o faria ocupar uma situação mais subalterna entre os subalternos”. Dito isso, o povo do Nordeste, descredibilizado, inferiorizado e carregando Susana, auxiliaria a alavancar a candidatura de Bolsonaro (em verde, na figura da atriz) justamente por ser contra ele – porque não é discursivizado como um exemplo a ser seguido.

Conclusão

Neste exercício analítico, problematizamos, inicialmente, questões relacionadas à procedência regional e abordamos o meme e(m) sua relação com os discursos midiáticos. A SE analisada, na condição de *discurso ordinário*, mostra-nos, para além do embate entre oposições políticas, quão deslegitimado pode ser um sujeito em decorrência do seu lugar de origem/habitação. Forjado em um período de ataques intensificados ao Nordeste, o *meme* é utilizado como uma técnica de *resistência* ao efeito centralizador do poder.

Desse modo, mesmo apagada pelas mídias tradicionais, a manifestação do internauta é realizada e compõe o grande número de urgências expostas na #EleNão. Por fim, entendemos o nosso gesto de interpretação como apenas um dos esforços possíveis para a desestabilização dos *ditos e escritos* ligados à desqualificação de sujeitos pela região em que habitam. Como efeito de encerramento, os resultados nos apontaram as identidades regionais enquanto locais de enfrentamento entre múltiplas correlações de força, bem como situaram o *meme* como um potencial mecanismo de resistência.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1971.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra: 2018b.

GREGOLIN, M. R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na Web. In: FLORES, G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. L. (Orgs.). **Análise de Discurso em rede: Cultura e mídia – vol. I**. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-211.

INDURSKY, F. Os (des)caminhos do discurso político brasileiro na contemporaneidade. In: GRIGOLLETO, E.; DI NARDI, F. S. (Orgs.). **Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2016, p. 65-88.

KOMESU, F. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 49, n. 2, p. 343-357, 2010.

SILVEIRA, J. da. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.